

## A NATO está bem e recomenda-se

*O novo ambiente estratégico obriga a Aliança a fazer uma revisão profunda do seu conceito: a identificar a Rússia como a principal ameaça e a defesa colectiva como a principal missão.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 29 de Junho de 2022**

Trump fez tudo para a matar. Macron disse que estava cerebralmente morta. Putin deu-lhe nova vida. A NATO está bem e recomenda-se. A invasão da Ucrânia deu-lhe uma nova razão de ser: a ameaça russa tornou-se evidente e a defesa colectiva voltou ao centro da sua missão.

O Ocidente não compreendeu, ou não quis compreender o que se passou na Geórgia em 2008 e na Crimeia em 2014. Por isso, a NATO não registou, então, grandes transformações. Agora, o Ocidente foi forçado a compreender e a NATO a transformar-se. A Cimeira de Madrid, disse já o secretário-geral da NATO, será uma cimeira transformadora. E o novo conceito estratégico terá como prioridade adaptar a Aliança à ameaça russa.

Primeiro, é preciso perceber a Rússia. Ao contrário da União Soviética, que queria consolidar as linhas de demarcação na Europa e estabilizar as fronteiras e a ordem da Guerra Fria, a Rússia de Putin quer que a NATO retire as suas forças dos territórios dos novos aliados depois de 1997, isto é, alterar as linhas de demarcação e reestabelecer a sua esfera de influência na Europa. Ou seja, alterar a arquitectura de segurança europeia e rever a ordem pós-Guerra Fria.

Segundo, na anterior Cimeira de Madrid, em 1997, NATO e Rússia tinha assinado a Acta Fundadora, em que ambas partes se comprometiam com o diálogo político e a resolução pacífica dos conflitos para evitar uma nova tensão pós-Guerra Fria. Ora, sem que ninguém o tenha dito, a verdade é que com a anexação da Crimeia e a invasão da Ucrânia, a Rússia pôs termo à Acta Fundadora. Mais ainda, a insídia da sua diplomacia e a brutalidade repetida da agressão militar deixam supor que não reconhece a persuasão, a cooperação ou o apaziguamento. Só conhece e só responde à linguagem da força. É este o novo ambiente estratégico que obriga a NATO a uma revisão profunda do seu conceito: a identificar a Rússia como a principal ameaça e a defesa colectiva como a principal missão.

O flanco leste será a prioridade e o conceito de dissuasão convencional totalmente repensado: reforço das capacidades com 300 mil efectivos em prontidão (sete vezes e meia mais do que actualmente), equipamento pré-posicionado e forças atribuídas a aliados específicos.

A [adesão futura da Finlândia e da Suécia](#) obrigará ainda a um esforço adicional de dissuasão e não só nos 1300 km de fronteira entre a Finlândia e a Rússia, mas também no Mar Báltico.

No quadro da rivalidade geopolítica entre grandes potências, a dissuasão da Rússia não pode fazer esquecer a os desafios da China. Não é, certamente, uma ameaça militar directa, mas não deixará de estar no radar estratégico da NATO. Porque é uma grande potência económica e tecnológica na luta pela liderança de sectores-chave do futuro como o 5G, a inteligência artificial ou o espaço. Por outro lado, porque a nova rota da seda e o controle de infra-estruturas críticas não são isentos da procura de influência geopolítica. E não são poucos os países europeus na interdependência das suas redes chinesas. A recente [aproximação Rússia-China](#) confirma e justifica a necessidade dessa atenção estratégica.

Não sendo uma prioridade imediata, o flanco sul não pode deixar de ser uma prioridade para a NATO. E não é só pelas questões tradicionais da segurança, da instabilidade e do terrorismo. Agora, é também, pela crescente presença da Rússia no Sahael. Há depois os desafios que não dizem respeito aos seus flancos geográficos, mas às tecnologias disruptivas e às suas implicações estratégicas e aplicações militares: a gestão de dados, a robótica ou a inteligência artificial que oferecem, hoje, tantas oportunidades como ameaças. As novas tecnologias, a ciberdefesa e o ciberespaço terão um lugar fundamental no novo conceito estratégico da Aliança.

Há, finalmente, um desafio que não é de natureza militar E o novo conceito estratégico precisa, também, de adaptar a NATO aos desafios não militares. Trata-se da resiliência e da coesão interna da Aliança. Num mundo globalizado e interdependente o Ocidente está vulnerável às investidas de potências autocráticas e iliberais que exploram a abertura das sociedades democráticas, seja pela dependência económica e tecnológica, seja pelo apoio às forças iliberais ou promovendo a divisão entre os aliados. Não será essa a missão central da Aliança e caberá até, primordialmente, aos Estados-membros, mas a NATO não poderá ficar alheia às ameaças à sua unidade e aos desafios à resiliência democrática.

<https://www.publico.pt/2022/06/29/opiniao/opiniao/nato-bem-recomendase-2011719>